

QUINTAIS DE ESPERANÇA

A EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA DE VALDELICE E LUCIENE



A vida no Semiárido nasce da luz da esperança, das águas das cisternas e do trabalho de agricultoras e agricultores que cotidianamente abrem caminho para a agroecologia. Os saberes e a ancestralidade de cada território dão sentido para esse caminhar que historicamente vem sendo resgatado pelas mãos das mulheres. Valdelice Rodrigues é uma dessas mulheres, agricultora de 51 anos de idade, ela mistura o saber com afeto em seu quintal produtivo agroecológico que fica localizado na comunidade de Lagoinha, Distrito de Encantado, a cerca de 35 km do município de Quixeramobim, Ceará. É no arredor de casa que Valdelice escreve sua história, que nas mãos leva as sementes crioulas, as mudas e os saberes para plantar e fortalecer a biodiversidade do Semiárido. A agricultora comenta que o ano de 2018 foi muito importante nesse fortalecimento, visto que suas atividades no quintal e em casa antes não tinham a mesma importância que agora possui, apesar do seu esforço em ambos os espaços, antes haviam muitos obstáculos em relação ao trabalho das mulheres, mas de forma alguma isso intimidou Valdelice que reforça estar engajada em um projeto de afirmação do trabalho com agroecologia feminista.



“Teve um tempo que eu tinha vergonha de chegar e dizer o que eu queria fazer aqui, mas isso mudou, hoje eu chego e faço, gosto do meu trabalho e eu e meu marido, trabalhamos juntos. A gente tem muita esperança, né? Eu tenho muita esperança de ver muitas mulheres conquistando espaço como eu. A mulher tem o direito de fazer o que ela quer”

Valdelice de Sousa
Comunidade de Lagoinha, distrito de Encantado, município de Quixeramobim, Ceará



Valdelice em seu quintal produtivo

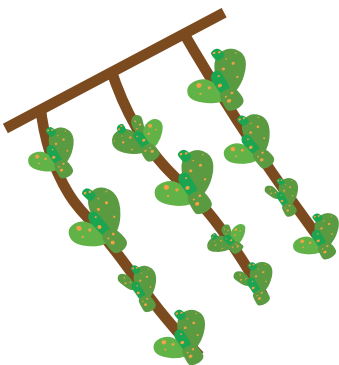
A partir de 2018, Valdelice conquistou uma cisterna calçadão pelo Projeto Uma Terra e Duas Águas (P1+2) que veio potencializar ainda mais seu trabalho no quintal em que orgulhosa comenta que não usa nenhum tipo de agrotóxico e ressalta, “o que eu uso não é veneno, ele é natural! Ele vem do nim e ajuda muito, mas assim, aqui antes não passava do inverno, a gente se esforçava muito para que ficasse tudo do jeito que é agora, por que não tinha de onde a gente tirar a água, agora com essa cisterna ai, ficou bom demais, facilita né?” O espaço que Valdelice mais gosta do seu quintal, é a área onde estão os pés de acerola. Quando os pés estão cheios, a agricultora busca a maior bacia para colher as acerolas, que depois de colhidas virão suco ou são utilizadas para fazer o beneficiamento na produção de doces e poupas. Mas o quintal de Valdelice não tem só pé de acerola, são pés de mamão, banana, côco, pimenta, cheiro verde, cidreira, capim santo e hortelã que fazem a fartura da casa. O quintal funciona como uma dispensa natural e é Valdelice que o construiu, semeando a biodiversidade, fortalecendo culturas locais e evocando saberes populares.

Com a garantia da água para produção, a agricultora passou a contribuir com a renda da família, a partir da venda dos excedentes como: mós de coentro, sacos de acerola, caixas de bananas e limão. Ela se sente muito contente por fazer parte disso e também por poder tomar algumas decisões dentro do quintal, que antes era espaço somente de protagonismo do marido. Ainda há muito a caminhar, ela pretende potencializar seus canteiros para um dia participar da Feira Agroecológica da cidade vizinha, Senador Pompeu. Atualmente ela vende para dentro da comunidade e também doa e troca com outras mulheres.

Valdelice iniciou também o cultivo de mudas para troca e comercialização, as mudas ficam posicionadas em uma mesa improvisada debaixo do pé de manga, na parte central do quintal. O otimismo que transcende pela sua fala e olhar quando apresenta sua variedade de mudas evoca o afeto e dedicação de várias agricultoras do Semiárido que cotidianamente constroem e são guardiãs da biodiversidade deste espaço. O que evidencia avanços presentes na vida da agricultora como o acesso a água para produção, a participação nas tomadas de decisões dentro do quintal e em casa, é também seu trabalho nas atividades de comercialização dos excedentes de sua produção, aspectos estes que possibilitam a mulher a construção de sua autonomia e empoderamento social e econômico.

LUCIENE E OS CAMINHOS DA AGROECOLOGIA

Na comunidade de Lagoa Nova, localizada cerca de 34 km do município de Quixadá, Ceará, existe outro quintal de esperança e cura, para chegar lá o passo tem que ser largo, pois o chão é arenoso e segundo a agricultora deste quintal, Dona Luciene Ferreira de Sousa de 57 anos, é a terra de melhor tipo para plantar feijão. O quintal da agricultora tem pé de quase tudo, primeiro vem o feijão que nos quintais da comunidade não falta, depois vem o tomate cereja, cheiro-verde, mamão, pimenta dedo de moça e muitas ervas medicinais que Luciene costuma chamar de ervas da mata.



“A riqueza da mata está aqui, minha família planta comigo e nós colhemos de tudo um pouquim. Sempre gostei muito de verdura e nunca falta aqui no almoço daqui de casa, mas minha paixão mesmo é meus capim santo, cidreira, hortelã e eucalipto. Eu cuido de tudo que tem aqui, mas das minhas ervinhas, é tudo especial pra mim”

Luciene Ferreira de Sousa
Comunidade de Lagoa Novas, município de Quixadá, Ceará



Luciene em seu quintal produtivo



Luciene em seu quintal produtivo

Quando a agroecologia chegou no coração de Luciene, ela abriu caminho para a luz entrar em seu peito e no chão do seu quintal, cada nova descoberta abraçou sua história e família. Depois de participar de intercâmbios em quintais de outras agricultoras e agricultores, promovidos pelo Projeto Uma Terra e Duas Águas (P1+2), ela desenvolveu um olhar mais próximo da sua ancestralidade, o qual a possibilitou recuperar conhecimentos, saberes e fazeres de suas avós, mãe e tias. Toda essa riqueza ela partilha em seu quintal, seja no manejo das plantas, na separação das sementes crioulas, no respeito pelo tempo de cada pequenitude e grandeza. “Quando as formigas estão num pé de planta, a gente tem que deixar elas lá porque elas precisa fazer seu trabalho, minha avó mesmo dizia. Hoje em dia o povo só quer saber de agrotóxico, pois aqui eu não uso veneno, se Deus criou as coisas foi para a gente cuidar de cada coisa e também aprender a viver com elas, minha avó mesmo falava”ressalta Luciene.



Luciene encontra junto de sua família e com seu quintal a vida do Semiárido, a agricultora comenta que sua vida também é para partilhar forças e experiências para motivar outras mulheres a seguirem seus sonhos, ter autonomia e fortalecer o que as fazem bem. “Eu tenho orgulho de ser agricultora, nós não somos ricos, mas também não passamos necessidade. Sempre gostei de ajudar outras mulheres, aqui não tem isso de não ajudar ao próximo, se é para fazer, a gente faz. Hoje a mulher pode mais e nos precisamos nos juntar, permanecer unidas” comenta Luciene.